

# NOVAMENTE EM FARRAPOS



**PAULO SIQUEIRA**

Presidente da Fenabreve/Sincodiv-RS  
siqueira@sincodiv-rs.com.br



Há 185 anos, frente à opressão política e à elevada tributação, forças, por todo o Rio Grande, arregimentadas por justiça, forjaram, na alma gaúcha, uma coragem de luta a ser invocada, novamente, para questionar a razão de o auxílio emergencial não ponderar o peso econômico de cada Estado, e minorar o risco da atual escala de transferência de recursos agravarem, ainda mais, a crise fiscal do RS.

Dado o menor rigor em comprovar a falta de rendimentos para acesso ao programa, favorecendo economias mais informais, o Rio Grande do Sul acabou por ser um dos Estados menos assistidos pelo programa emergencial, no qual somente 22,9% da população gaúcha maior de 18 anos receberá o auxílio. Contra uma participação de 46,1% na Bahia, 45,3% no Ceará, 49,2% no Maranhão

e 44,8% em Pernambuco.

Enquanto a economia gaúcha será irrigada entre abril e dezembro com recursos da ordem de R\$ 9 bilhões (2,2% do PIB), a baiana receberá R\$ 21,5 bilhões (8%), o Ceará R\$ 13 bilhões (8,9%), o Maranhão R\$ 11,8 bi-

*O Rio Grande do Sul acabou por ser um dos Estados menos assistidos pelo auxílio emergencial*

lhões (13,1%), e cerca de R\$ 13,2 bilhões (7,3%) serão destinados a Pernambuco.

Para melhor dimensionar o poder de gerar efeitos e impactos nas relações econômicas en-

tre os Estados, o auxílio emergencial distribuirá, ao longo de nove meses, R\$ 360 bilhões, mais do que a ajuda financeira concedida para as famílias de baixa renda ao longo de 17 anos pelo programa Bolsa Família.

Há décadas, o Rio Grande enfrenta grave crise em suas contas públicas, à espera de melhora na economia ou de um lampejo do Mercosul. Tal cenário nos lembra a saga gaúcha escrita por Verissimo, na sua célebre obra *O Tempo e o Vento*: "Como o tempo custa a passar quando a gente espera".

Talvez melhor do que a discutível e ineficaz reforma tributária seja bradar pelo direito ao auxílio proporcional à nossa grandeza econômica. Afinal, se em 1835 o justo brado gaúcho soou, apesar da guerra sangrenta, não podemos silenciar, agora, diante da iminente sangria das nossas esperanças.